

Links de filmes e discos 1

Diana Cibeles de Assis Ferreira

Roberta Guimarães Teixeira

A educação pode ser transformadora em todos os sentidos

Imagem 1: Capa do filme



Fonte: Print screen de site Google

O Menino que descobriu o vento. Direção: Chiwetel Ejiofor. (Reino Unido e Malawai): 2019. Netflix (1h53min)

O filme "O menino que descobriu o vento" é baseado em fatos reais, já foi contado em diversos jornais pelo mundo, além de ter gerado uma entrevista para a conferência global TED e teve sua história contada em um livro. Na história de William Kamkwamba, um jovem de Malawi, que para

salvar sua família da fome, criou um primeiro moinho de cinco metros de altura que abastecia algumas lâmpadas e carregava celulares. O segundo moinho, de 12 metros, já captava o vento mais forte e possibilitava manter as lâmpadas da comunidade. O terceiro moinho foi que possibilitou o bombeamento de água para a irrigação da plantação. A ideia do diretor Chiwetel Ejiofor (protagonista de "12 Anos de Escravidão") com esse filme foi não só contar a história do pequeno gênio que salvou sua família, mas também retratar o senso de comunidade e afeto que permeiam essa história.

Filmando quase sempre com os personagens em conjunto, o diretor criou planos vívidos pela presença de pessoas (muitas pessoas) que é fortalecida justamente pela humanidade presente nela. Mesmo que haja simplicidade no ambiente – afinal, o Malawi é um dos países mais pobres da África –, o que a câmera busca não é destacar o que falta, mas o que há em abundância. É um trabalho de direção que busca exaltar o trivial, o corriqueiro, o que há de belo mesmo naquelas circunstâncias.

Imagem 2: Cena do filme



Fonte: Print screen de site www.planoaberto.com

A introdução dos personagens dá o tom que é aproveitado por toda a narrativa do filme com as mulheres, homens e crianças '*praticantespensantes*' nos/dos/com cotidianos, inventores de sonhos e

movimentos, de esperanças e imagens, de odores e saberes, até mesmo da presença de sons do ar e do vento, que afirmam suas presenças na criação das multiplicidades curriculares nas dimensões tanto éticas, quanto estética, a partir da pluralidade de linguagens que aparecem no filme, apresentando formas diversas de saberes, resistência e persistência.

Portanto, “O Menino que Descobriu o Vento” é um filme muito importante de ser assistido, pois mostra os efeitos da crise naquela sociedade, do desmatamento e do abandono do governo com a vila de William, o que ocasionou que eles passassem a não conseguir manter sua colheita, que era à base de toda a sustentação da comunidade, como de tantos outros cotidianos que são ‘*espaçostempos*’ de saber e criação, permeado de suas lutas, “prazeres, inteligências, imaginações, solidariedades, pertenças, comportando grande diversidade e complexidade de modos de sentir, fazer e pensar” (ALVES, 2010, p. 18).

Referências:

ALVES, N.e REIS, L. R. dos. **CURRÍCULOS E IMAGENS E SONS E CHEIROS E MOVIMENTOS**. Revista PERIFERIA, v. 11, n. 4, p. 9-17, set./dez. 2019.

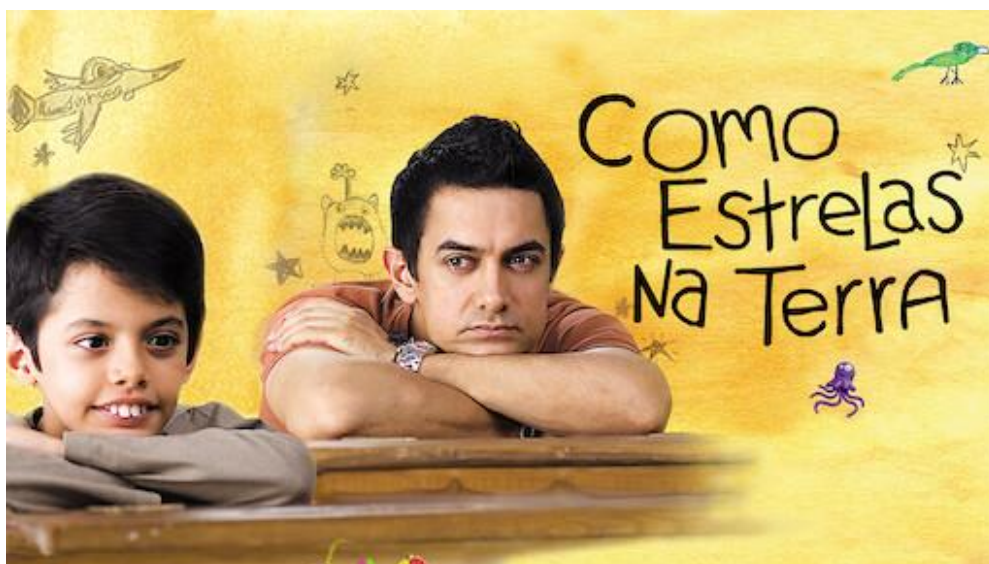
_____. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf> Acesso 24 mar. 2022.

CENA do filme. Disponível em <https://www.planoaberto.com.br/o-menino-que-descobriu-o-vento/> Acesso 24 mar. 2022.

CENA do filme 2. Disponível em: <https://negre.com.br/o-menino-que-descobriu-o-vento-um-drama-biografico/> Acesso 24 mar. 2022.

COMO ESTRELAS NA TERRA: TODA CRIANÇA É ESPECIAL

Imagem 1: Capa do filme



Fonte: Print Screen da capa do DVD de site Google

Filme Taare zameen par (Como estrelas na Terra), Drama, Índia, 2007, 140min.; COR. Direção: Aamir Khan e Amole Gupte. Disponível no Youtube e na Netflix (2h42min).

O filme "*Como estrelas na Terra: toda criança é especial*", retrata a história de um menino chamado de Ishaan, de nove anos de idade, que morava com sua família na Índia. Ishaan estudava numa escola que possuía um ensino tradicional e era considerado um aluno em defasagem idade-série, pois estava repetindo a terceira série pela segunda vez.

Certo dia, a escola convocou a família de Ishaan alegando que o menino não acompanhava as aulas e quando era solicitado a ele que fizesse alguma leitura, ele alegava que as letras eram dançarinas, o que foi compreendido pela instituição de ensino como um problema de indisciplina. Fato que ocasionou na transferência do menino para um colégio interno,

mesmo contra vontade de sua mãe. Internação esta que resultou em um quadro depressivo no menino, pois a prática docente de ensino desta instituição se dava de modo rígido e castigador.

Mas, a chegada de um professor substituto de Artes, com uma metodologia de ensino bastante dinâmica e criativa transformou o cotidiano escolar de Ishaan e de seus colegas. Neste seguimento, o novo professor que também lecionava em outra escola para crianças com necessidades especiais, percebeu algo diferente com Ishaan e procurou ajudá-lo, indo até a casa de seus pais para compreender a causa do internato do menino.

Pois, ao observar os desenhos e os cadernos do garoto percebeu que ele trocava as letras parecidas como b e d, s e r, não decodificava, invertia letras, como anda-nada, não compreendendo o significado das palavras, o que poderia ser diagnosticado após outras intervenções como dislexia. Ao voltar ao internato, após esta análise e conversa com os pais de Ishann, o professor buscou colocar em prática suas estratégias didáticas, a fim de auxiliar o garoto em suas dificuldades de aprendizagem. Todos os dias após o expediente, o menino aprendia as letras por meio do quadro grande de giz que aos poucos foi diminuindo, areia, tinta, massinha de modelar, enfim começou com o concreto para chegar no caderno. O menino conseguiu ler e escrever e sentiu vontade de voltar a fazer seus desenhos.

Logo, intervenções pedagógicas, como a do professor de Artes retratado no longa nos leva a perceber que com os cotidianos escolares constituímos diversas e complexas redes de '*conhecimentossignificações*', por meio das quais formamos tantos outros cotidianos em que vivemos nos fazendo perceber que desde sempre '*aprendemosensinamos*' no decorrer dos diversos momentos de aulas, nos quais os '*docentesdiscentes*' estão juntos no processo de aprendizado (ALVES, 2019).

Referências:

ALVES, Nilda. As escolas como '*espaçostempos*' de convivência democrática e de respeito pelos outros. **Práticas pedagógicas em imagens e**

narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje / Nilda Alves. — São Paulo: Cortez, 2019.

_____. Sobre as relações '*docentes discentes*'. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje** / Nilda Alves. São Paulo: Cortez, 2019.

COMO ESTRELAS NA TERRA, TODA CRIANÇA É ESPECIAL. Disponível em <https://youtu.be/6rxSS46Fwk4> Acesso 26 mar. 2022.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Como estrelas na terra.** Disponível em <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/enfermagem/sinops-e-do-filme-como-estrelas-na-terra/65036#> Acesso 26 mar. 2022.

Sobre as autoras:

Diana Cibeles de Assis Ferreira é doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Mestra em Educação Contemporânea (PPGEDUC/UFPE/CAA). Licenciada em Pedagogia e Letras (UFPE/UNIFAEL). Estuda sobre: Educação Escolar Indígena; Política Educacional; Planejamento e Gestão da Educação.

Roberta Guimarães Teixeira é doutoranda em educação pelo programa de Pós-Graduação em Processos formativos e desigualdades sociais da FFP/UERJ, pedagoga da rede pública de ensino de Nilópolis e professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIRIO, no consórcio CEDERJ e uma estudiosa que luta pelos direitos educacionais públicos de qualidade.